

Soluções para o ^{DF}desemprego

César Gonçalves*

A questão do emprego e renda é o maior desafio a ser enfrentado na próxima década. O Distrito Federal rompeu a barreira dos 20% de desempregados, considerando-se a população economicamente ativa (PEA). Se incluirmos, o que seria mais correto, o PEA do Entorno, o índice ultrapassaria os atuais 20%. A grande maioria dos moradores do Entorno sobreviveriam do emprego e da renda gerados no Distrito Federal.

Alguns setores defendem que Brasília importa mais de 80% de tudo que consome e que a solução é incentivar a produção local. Teoricamente, a conclusão é correta, o que inclusive tem sido um balizamento para as políticas de desenvolvimento econômico local. A grande preocupação do Governo do Distrito Federal (GDF) tem sido disponibilizar lotes e infra-estrutura para a implantação de pequenas e médias indústrias.

Usando frase de um ministro "nem quando o sargento Garcia prender o Zorro a indústria representará mais de 15% no PIB do DF". A questão da substituição de importação de produtos industrializados não depende somente da disponibilização de áreas de infra-estrutura e de linhas de crédito.

Depende, principalmente, de ser competitiva num mercado cada vez mais globalizado e eficiente. Hoje, a questão já não é mais globalizado e eficiente. Hoje, a questão já não é mais competir com indústrias paulistas, mas com americanas, japonesas, coreanas e outras.

A industrialização hoje é um caso mais de escala, racionalização de custos e tecnologia avançada do que de decisões políticas. Isto sem considerar que a relação investimento/emprego na indústria é inversamente proporcional às atuais necessidades de geração de emprego.

Enquanto na indústria pesada precisa-se de US\$ 1 milhão de investimento para gerar um emprego, em outras atividades - como a de serviços - essa relação cai para menos de US\$ 10 mil por emprego. É preciso investir em atividades econômicas intensivas em mão-de-obra e que sejam compatíveis com as disponibilidades de recursos, tendências de mercado e vocações naturais de desenvolvimento.

O DF tem hoje 1.856.000 habitantes. E o melhor caminho para o seu desenvolvimento é o turismo. Lideranças públicas e empresariais entendem o turismo como atividade de viagens de lazer. Assim, acham que Brasília - por não ter muitos atrativos turísticos naturais - jamais será vitoriosa como destino turístico. Só que o turismo é muito mais que viagens de lazer e, em Brasília, é principalmente turismo de eventos e negócios.

São Paulo, capital, descobriu o grande filão desse tipo de turismo e hoje recebe sete milhões de turistas por ano, arrecadando US\$ 50 milhões anuais com essa atividade. Seus centros de convenções, pavilhões e feiras faturam mais de US\$ 600 milhões.

Brasília tem o melhor conjunto nacional de atrativos para sediar eventos, por abrigar

embaixadas e os Três Poderes. Organismos internacionais, empresas e governos estaduais e municipais enviam diariamente representantes a Brasília para tratar de seus interesses. A cidade tem o terceiro aeroporto do País em qualidade e movimento.

Nossa estrutura de hospedagem é a terceira melhor do País com 12 mil leitos e crescimento projetado para 30 mil leitos até o ano 2002. A rede de restaurantes, bares, casas noturnas e similares é a quinta do Brasil com capacidade instalada para receber 1,5 vezes mais do que o atual fluxo - um milhão de turistas/ano. O movimento financeiro (formal e informal) do turismo no DF movimenta R\$ 2,7 bilhões por ano, representando 13% do PIB do DF a preços básicos.

Com os novos investimentos na área de hospedagem (mais cinco hotéis de luxo até 2001) no valor de R\$ 780 milhões, estima-se aumento do faturamento da hotelaria na faixa de R\$ 280 milhões, gerando R\$ 26 milhões de impostos. Os cálculos são baseados numa projeção de 2,3 milhões de turistas/ano e uma taxa média de ocupação hoteleira de 55%. Os dados servem como exemplo da importância dos investimentos no setor. No campo social serão gerados 29 mil novos empregos numa relação de US\$ 13 mil de investimentos para cada emprego.

No entanto, esses números serão insignificantes se o GDF não se decidir em investir agressivamente em turismo, começando com a construção de um moderno Centro de Convenções com auditórios para três e cinco mil pessoas, acoplados a um pavilhão de feiras e eventos. Esta única ação seria suficiente para motivar a iniciativa privada a dobrar os investimentos e gerar 100 mil novos postos de trabalho. Assim, daríamos um salto na solução de renda e do emprego e reverteríamos a lastimável tendência recessiva da economia.

Somente o setor de bares, restaurantes e similares fechou mais de três mil empresas nos últimos cinco anos e demitiu mais de 30 mil empregados. Considerando-se que há uma ociosidade de 60% na capacidade instalada daquelas empresas, é possível crescer cerca de 30 mil novos postos de trabalho, sem qualquer investimento.

Não há como fazer turismo sem um amplo programa de formação profissional. Ao mesmo tempo, tem-se que dar continuidade ao Projeto Orla e viabilizar parques temáticos que criam a âncora do lazer que a cidade precisa. Não há como aumentar o tempo de permanência dos turistas de eventos e negócios em Brasília sem criar empreendimentos de entretenimento e lazer, nem tampouco imaginar um projeto de captação do turismo de lazer, sem ter um conjunto adequado de atrativos turísticos.

É preciso vontade política para mudar os atuais 0,27% de destinação de recursos para o turismo no orçamento público.

Parceria em que o governo apenas entra com o discurso e o empresariado com o dinheiro, não prospera.

*Presidente do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares/DF